

Economia

Um milhão de dólares em vendas por dia em Vitória

CRESCIMENTO

De 36 para 300

Comércio de Vitória celebra, aos 100 anos, histórias como a de Jonice Tristão, que vendeu até 1 milhão de dólares por dia

Ney Santana

Na véspera de completar 100 anos, o comércio de Vitória relembra suas histórias. De preferência, as bem-sucedidas, como a do empresário Jonice Tristão, fundador do Grupo Tristão de Comércio Exterior, que chegou a vender 1 milhão de dólares por dia no auge do ciclo de exportação de café, no final da década de 1970.

“Foram sete anos seguidos de prosperidade, que culminaram com a abertura das filiais em Nova Iorque (EUA) e em Londres. Aliás, na Inglaterra, o Jonice foi recebido pela Rainha Elizabeth”, relembra Cacao Monjardim, diretor-executivo da Fundação Jonice Tristão.

Na realidade, o comércio no centro de Vitória existe há mais tempo, mas foi no dia 9 de julho de 1909 que surgiu a Associação Comercial de Vitória (ACV). Idealizada e concretizada por 36 negociantes, como eram chamados os empresários, a ACV tinha – como tem até hoje – a missão de defender os interesses da classe.

“Desde o início, a atividade comercial sempre se destacou em Vitória. A avenida Jerônimo Monteiro era o ‘coração’ empresarial da cidade, dividida entre o comércio de secos e molhados, que eram grandes atacados, e os magasins,



AVENIDA JERÔNIMO MONTEIRO, no centro de Vitória, em 1928: comercialização de produtos na capital

que eram lojas de tecidos e outros produtos”, conta o atual presidente da ACV, Robson Cerqueira.

Aos 85 anos, 33 deles dedicados à entidade, Robson diz que não foram poucos os casos de pessoas que se enriqueceram com o comércio. “Eu trabalhava em banco e

acompanhei isso de perto. Houve também gente que quebrou, mas encerrou seu negócio sem dar prejuízo a ninguém.”

Hoje, com cerca de 300 empresas associadas, a ACV participa de todos os grandes debates do Estado. “A Associação tem assento em

10 das principais organizações do Estado”, salienta o secretário-executivo Alencar de Freitas.

Os 100 anos da Associação serão lembrados hoje pela Assembleia, em sessão solene. Amanhã está prevista a entrega da medalha do Mérito Empresarial.

DEPOIMENTOS

BIANCA PIMENTA / AT



Tradição que é mantida há 114 anos

“A loja Flor de Maio tem 114 anos de história. E, por mais que haja novidades, a tradição continua prevalecendo. Os mais idosos, quando vêm comprar aqui, sempre se lembram, às vezes, até de forma emocionada, de histórias do comércio de antigamente.”

Felipe Faller dos Santos, gerente da loja Flor de Maio

Superando os obstáculos e as dificuldades

“Quem vê o comércio da Grande Vitória pujante como hoje, não imagina os obstáculos que havia. A farinha, por exemplo, vinha de São Paulo e era controlada por cotas do governo. O café também, pois era só de um tipo. As dificuldades estavam até na embalagem, já que tínhamos apenas sacos de 50 quilos e não como é hoje, quando há uma variedade grande. Ou seja: os tempos mudaram.”

Élcio Alves, secretário-executivo do Grupo Buaiç

Ventos da modernidade trouxeram melhorias

“O comércio mudou muito nos últimos trinta, quarenta anos. Mas mudou para melhor. Nem a crise do ano passado, que muitos anunciaram como o fim do mundo, foi tão grave. Muitos se esquecem, mas, na década de 80, dormimos com inflação de 80% e acordamos com ela zerada. Os planos se sucediam e a situação não melhorava. Hoje é diferente, até mesmo pela concorrência, que é salutar.”

Getúlio Azevedo, fundador das Óticas Paris



Dono de padaria na ativa aos 77 anos

“Adquiri a primeira padaria no Parque Moscoso, em 1964. Aliás, ela existe até hoje. Os tempos eram difíceis, mas fiz muitos amigos. Cinco funcionários se aposentaram comigo. Houve também a expansão, atendendo a outras regiões da Grande Vitória.”

Hélio Moreira Rezende, fundador da padaria Monte Libano

ANÁLISE

Cacao Monjardim,
Diretor-executivo da
Fundação Jonice Tristão

Relação era baseada na confiança

Além da sua atividade-fim, que é a negociação de produtos, são poucos os paralelos entre o comércio que tínhamos antigamente e o de hoje em dia. A começar da relação comerciante-consumidor, que era baseada na confiança.

Era o tempo das famosas cadernetas. Lembro-me da Casa Durval, que vendia para todas as moças e senhoras da sociedade capixaba e recebia em dia.

Hoje, só para se fazer uma comparação, a inadimplência é de mais de 8%.

Naquela época, o centro de Vitória vivia seu apogeu. Na avenida Jerônimo Monteiro estavam os principais comércios. Em termos de magasins se destacavam a Casa Hilal e o Orlando Guimarães.

Todos se conheciam. Tanto que se você estivesse com pressa de chegar à Vila Rubim ou ao Parque Moscoso, devia evitar passar pela Jerônimo Monteiro, porque, se não, era parado a toda hora para uma prosa.

Somente no governo de Carlos Lindenberg (1959) foi que se abriu uma nova via: a avenida Beira-Mar. A partir daí, vieram os centros comerciais.

Em Vitória, por exemplo, o eixo se deslocou rumo à Serra, em especial Goiabeiras. Em Vila Velha tem a Glória e a Praia da Costa, enquanto em Cariacica se destaca Campo Grande.